

POLÍTICA ECONÔMICA

Itamar não quer adoção de plano 'heróico'

Lara Resende deixa o governo por decisão do presidente da República, que prefere combater a inflação de forma gradual, segundo políticos com livre trânsito no Planalto

RIBAMAR OLIVEIRA
CRISTIANA LOBO
e NELSON LUIZ OLIVEIRA



BRASÍLIA — A saída de André Lara Resende do Ministério da Fazenda é o primeiro sinal claro, explicaram ontem importantes políticos governistas, de que o presidente Itamar Franco rejeitou qualquer programa "heróico" de combate à inflação. "O presidente optou por um combate gradual à inflação", disse um líder político com trânsito no Planalto. "Se o ministro Fernando Henrique Cardoso conseguir uma inflação de 10% em dezembro do próximo ano terá obtido uma grande vitória", acrescentou.

Diante do comportamento que

aponta no sentido da adoção da prefixação, Lara Resende comentou com amigos: "Se for mesmo isso o que vai ser feito, então, é uma bobagem." Sua presença no governo começou a ficar incômoda, de acordo com os mesmos informantes, quando apresentou a Itamar Franco a idéia de criação de duas moedas, sendo uma lastreada em dólar. O presidente demonstrou "sua aversão viceral" à proposta — segundo palavras de uma fonte que acompanhou toda a discussão. O presidente considerou que uma nova moeda lastreada no dólar implicaria a perda da soberania do País.

A posição do presidente foi apoiada pelo líder do governo na Câmara, Roberto Freire. O líder achava que a moeda lastreada no dólar seria obtida pelos ricos, pois os pobres continuariam com o cruzeiro real submetido às desvalorizações constantes. Imediatamente, Freire entrou em contato com os chamados "economistas históricos" do PMDB, que criticavam pelos jornais a idéia defendida por Lara Resende.

Freire conversou com os economistas Aloísio Teixeira, Maria da Conceição Tavares e Luciano Coutinho. O ex-ministro da Previdência Social Raphael de Almeida Magalhães serviu como intermediário en-

tre o grupo e o ministro Fernando Henrique Cardoso. Magalhães manteve vários encontros com o ministro e levou as preocupações desse grupo de economistas com relação à alternativa de dolarização da economia.

A alternativa sugerida pelos economistas do PMDB foi um programa gradual de combate à inflação, que passasse por uma espécie de prefixação negociada. No início de cada mês, o governo diria com que taxa de inflação trabalharia e reajustaria

os preços sob seu controle com base nesse índice — basicamente o câmbio e as tarifas públicas. Tentaria fazer com que o setor privado acompanhasse essa tendência. Para isso, usaria as câmaras setoriais e instrumentos de coersão, como a liberação

das importações. Aparentemente, essa alternativa saiu vitoriosa.

BC — Nem o presidente do Banco Central, Pedro Malan, tinha certeza ontem da permanência no cargo do

diretor de Política Monetária do banco, Francisco Pinto. "Vou conversar com o Pinto e depois retorno", mandou dizer por volta das 17 horas, mas até as 19h30 não havia dado nenhuma informação. O mercado especulou sobre a demissão de Pinto.

O diretor de BC passou o dia em São Paulo. Demissionário ou não, está sendo bombardeado pelo mercado e por setores do governo. Bancos e corretoras reclamam da estratégia usada por ele na venda de títulos públicos. O mercado alega que a fixação dos juros oscila demais, levando a variações bruscas das taxas, com prejuízos para as instituições.

**LÍDER DO
GOVERNO
APÓIA A
DECISÃO**